

In: ANDRADE, Francisco Ari; CHAVES, Flávio Muniz; ROCHA, Luzianny Borges; EUCLIDES, Maria Simone. (Orgs.). **Educação Brasileira: aportes e tendências.** Curitiba: CRV, 2015. p. 67-75.

CAPÍTULO 7

IMPLICAÇÕES DO SPAECE NO CURRÍCULO ESCOLAR

*Angelina do Nascimento Silva
Paulo Meireles Barguil*

Introdução

O presente artigo é um recorte de minha pesquisa monográfica: Perfil político pedagógico de uma escola pública localizada em zona rural em Cascavel – CE: docentes, discentes e currículo (SILVA, 2013). A partir das reflexões sobre os dados obtidos na pesquisa, buscamos compreender as implicações do Sistema Permanente de Avaliação do Estado do Ceará (SPAECE) no currículo escolar, sua relação com o saber e o cotidiano da escola, bem como identificarmos conteúdos e valores considerados válidos e necessários para a formação do cidadão.

O currículo se manifesta no cotidiano escolar: conteúdos e práticas, que se expressam no ensino e na aprendizagem. Dessa forma, é nossa intenção identificar as implicações do SPAECE no currículo da escola selecionada. Nossas reflexões materializaram-se através de pesquisa exploratória, para conhecer melhor o contexto, e pesquisa bibliográfica, que nos proporcionou conhecimentos sobre o tema em destaque.

Utilizamos em nosso referencial teórico Pacheco (1996), Matos e Vieira (2001), Esteban (2003), Charlot (2005), Koninck (2007), Chueiri (2008), Tomáz Tadeu (2009) e Silva (2013), além de pesquisas em periódicos e artigos que abordam as temáticas de currículo e avaliação. Compreendemos a importância desse estudo, pois ele ajuda a esclarecer como o currículo se materializa no cotidiano escolar.

De acordo com Vieira e Matos (2001), à medida que desenvolvemos interesse por determinados termos, nos familiarizamos com a literatura, estabelecendo uma relação com nossas reflexões e de outros pesquisadores. A revisão contribui, também, para a compreensão dos dados coletados.

O Contexto histórico do SPAECE¹

O Sistema Permanente de Avaliação do Estado do Ceará (SPAECE) foi criado em 1992, pelo Governo do Estado do Ceará, por intermédio da Secretaria da Educação (SEDUC). Ele é uma avaliação externa em larga escala que verifica competências e habilidades, nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática, dos

1 Dados retirados do Portal SPAECE, disponível em: <<http://www.spaece.caedufff.net/>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio de escolas estaduais e municipais, identificando o nível de proficiência deles. Aplicam-se, também, questionários sobre dados socioeconômicos e hábitos de estudos dos discentes, perfil e prática dos professores e diretores.

Nas avaliações, são utilizados testes elaborados por professores da Rede Pública, seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), do Ministério da Educação, e os Referenciais Curriculares Básicos (RCB), da SEDUC.

Devido aos resultados obtidos pelo SPAECE e por considerarem como um sistema de avaliação importante e eficaz de gestão, a SEDUC ampliou, a partir de 2007, a abrangência do SPAECE, incorporando a Alfabetização e expandindo a avaliação do Ensino Médio para as três séries de forma censitária. São esses os três focos atuais:

- ✓ Alfabetização – SPAECE Alfa (2º ano): surgiu da necessidade do governo em priorizar a alfabetização das crianças logo nos primeiros anos de escolaridade. Acontece anualmente para identificar o nível de proficiência de leitura dos alunos do Ensino Fundamental das escolas da Rede Pública (estaduais e municipais). Desta forma, foi criado o Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC)², com o intuito de apoiar os municípios cearenses na melhoria do ensino, leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental e rever a problemática do analfabetismo escolar.
- ✓ Ensino Fundamental (5º e 9º ano): realizada nas fases finais de cada etapa do Ensino Fundamental, para diagnosticar o estágio de desenvolvimento e evolução do desempenho dos estudantes em Língua Portuguesa e Matemática. Ocorre de forma censitária, com periodicidade bianual, intercaladas aos ciclos do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB).
- ✓ Ensino Médio: Ocorre anualmente, de forma censitária, nas três séries deste nível de ensino, envolvendo todas as escolas do sistema Estadual de ensino dos 184 municípios cearenses. Avalia Língua Portuguesa e Matemática.

Avaliação e cotidiano escolar

A avaliação é uma prática constante nas relações humanas, pois estamos constantemente analisando, conforme critérios, conscientes ou não, o meio à nossa volta, nossas amizades, os projetos que pretendemos realizar ou já realizamos.

No âmbito educacional, a avaliação é um dos processos fundamentais no ensino e na aprendizagem, que se materializa nas práticas pedagógicas, nas relações cotidianas entre os agentes pedagógicos, que podem estar ou não de acordo com as propostas curriculares. Ela é uma prática sistematizada, que está articulada com os objetivos delineados por cada instituição.

De acordo com Caldeira (2000 apud CHUEIRI, 2008, p. 51):

A avaliação escolar é um meio e não um fim em si mesma; está delimitada por uma determinada teoria e por uma determinada prática pedagógica. Ela não ocorre num vazio conceitual, mas está dimensionada por um modelo teórico de sociedade, de homem, de educação e, conseqüentemente, de ensino e de aprendizagem, expresso na teoria e na prática pedagógica.

Corroborando com essas ideias, a avaliação no contexto da escola é direcionada por uma visão de mundo, Homem e sociedade, que se expressa na prática pedagógica. O professor é elemento fundamental nesse processo, pois, à medida que atribui significados, produz conhecimentos e faz juízo de valor da avaliação baseado em seus conhecimentos, valores e experiências constituídos durante sua vida.

No que se refere à avaliação, deve-se destacar que esta tem passado por vários processos e denominações ao longo do tempo. No século XVI, surgem nos colégios católicos e protestantes os exames e as provas como forma de avaliar. Em meados do século XVI e XVII o ensino era meramente tradicional no qual o aluno era percebido como reprodutor de informações e conhecimentos repassados pelo professor. De acordo com Luckesi (2003 apud CHUEIRI, 2008, p. 53):

A tradição dos exames escolares, que conhecemos hoje, em nossas escolas, foi sistematizada nos séculos XVI e XVII, com as configurações da atividade pedagógica produzidas pelos padres jesuítas (séc. XVI) e pelo Bispo John Amós Comênio (fim do séc. XVI e primeira metade do século XVII).

Com a ascensão da burguesia, desprovida de privilégios e poderes, a prática de exames se consolida, pois, com o desenvolvimento do capitalismo, o exame passou a ser uma peça fundamental do sistema como forma de controle do Estado sobre a sociedade civil. Afonso (2000 apud CHUEIRI, 2008, p. 54) declara:

É, portanto, ao longo do século XIX que se assiste à multiplicação de exames e diplomas, pondo em evidência o contínuo controle por parte do Estado dos processos de certificação. Como Karl Marx observou, o exame passa a mediar as relações mais amplas da cultura com o Estado, constituindo-se num vínculo objetivo entre o saber da sociedade civil e o saber do Estado. (p. 30)

Vale destacar que atualmente a escola ainda é pautada na “Pedagogia dos Exames”, uma vez que os processos de avaliação se destacam pela aprovação ou reprovação, inclusão ou exclusão, rendimento do aluno e não pautados no processo de aprendizagem e qualidade do ensino.

São exemplos dessa concepção o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a Provinha Brasil e o Sistema Permanente de Avaliação do Estado do Ceará (SPAECE), os quais modificam as dinâmicas de sala de aula, as práticas pedagógicas do professor, os conteúdos curriculares, tendo desta forma como foco o nível alcançado, o controle, a classificação do aluno. Outra consequência de algumas dessas avaliações externas é a hierarquização das instituições, de acordo com os resultados obtidos.

² É um programa de cooperação entre Governo do Estado e municípios cearenses com a finalidade de apoiar os municípios para alfabetizar os alunos da rede pública de ensino até o final do segundo ano do ensino fundamental. Disponível em: <<http://www.idadecerta.seduc.ce.gov.br/index.php/o-paic/objetivos-e-competencia>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

Dessa forma, constatamos que a avaliação tornou-se uma prática hierárquica e excludente, perdendo seu real sentido no que se refere aos processos de ensino e aprendizagem. Acreditamos que avaliar é uma prática cotidiana, dialógica, reflexiva e processual, do qual participam os sujeitos envolvidos no processo educacional.

Corroboramos com Esteban (2003, p. 44) que:

[...] a avaliação educacional (seja a avaliação pedagógica das aprendizagens dos alunos, a avaliação profissional dos professores, a avaliação institucional das escolas ou, mesmo, a avaliação das políticas educacionais) deve visar, sobretudo objetivos de desenvolvimento pessoal e coletivo, ou seja, deve estar prioritariamente ao serviço de projetos de natureza mais emancipatória do que regulatória.

Entendemos que avaliar é atribuir significados, gerar novas possibilidades de aprendizagem, favorecendo a inclusão de todos que participam desse processo. Dessa forma, ela deve ter como principal a aprendizagem e o ensino, com a identificação do que foi conquistado e do que pode ser melhorado, gerando novas possibilidades, e não meramente o controle e a promoção, tendo como parâmetro o rendimento ideal.

Quando o sistema educacional confunde avaliação com exames, ele conduz pessoas e instituições à competição, e muitas vezes apoiar aqueles que, eventualmente, fracassaram, caracterizando uma exclusão, com sérios efeitos negativos. Defendemos, portanto, que a avaliação do ensino e da aprendizagem aconteça em sua forma reflexiva, visando à melhoria de tais processos.

A escola precisa promover o desenvolvimento integral dos seus participantes: dimensões física, afetiva, cognitiva, espiritual. Para alcançar tal intento, ela precisa ser um espaço-tempo de vivências e reflexões, permitindo a troca de saberes e saberes e fortalecendo a participação e os laços de inclusão, os quais se manifestam em atitudes éticas.

O Currículo e sua relação com o Saber

O desenvolvimento curricular tem se firmado, nas últimas décadas, como uma área científica própria, no âmbito das Ciências da Educação. O que é currículo? Há uma multiplicidade de respostas formuladas por diferentes autores, as quais são frutos de contextos históricos e culturais.

De acordo com Pacheco (1996, p. 18):

O currículo é um propósito que não é neutro em termos de informação, já que esta deriva de diferentes níveis e é veiculada por diversos agentes curriculares dentro do contexto de vários condicionalismos. Assim, o currículo corresponde a um conjunto de intenções, situadas no *continuum* que vai da máxima generalidade à máxima concretização, traduzidas por uma relação de comunicação que veicula significados social historicamente válidos.

De acordo com Silva (2009), em 1918, o currículo aparece como campo de estudos nos Estados Unidos. Desde então, vários autores vem questionando as teorias e os processos históricos que o definem, assim como os conteúdos e valores que se consideram necessários serem aprendidos pelas novas gerações.

Entendemos currículo como peça fundamental do sistema educacional, pois é nele que se expressam os objetivos a atingir, as metodologias, as atividades e os recursos que serão utilizados nos processos de ensino e de aprendizagem. Também é no currículo que se delineia a identidade do cidadão, tendo em vista a sua inserção social, a qual deve ser caracterizada pela ética: respeito à vida.

Compreendendo o currículo como organizador do processo educacional, permeado por intencionalidades no projeto educativo da sociedade, destacamos que com o surgimento do SPAECE as escolas públicas do Estado do Ceará tem passado por modificações em seus currículos e no cotidiano escolar. Os conteúdos e as práticas pedagógicas são pautadas nas habilidades e competências que serão exigidas nos exames que serão realizados anualmente na alfabetização (2º ano), nas fases finais de cada etapa do Ensino Fundamental (5º ano e 9º ano) e Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª séries).

Supomos que o SPAECE tem priorizado conteúdos em detrimento de outros, uma vez que as avaliações que ocorrem anualmente enfatizam os conteúdos referentes à Língua Portuguesa e a Matemática. Deduzimos ainda que influencie nas metodologias e autoavaliação do docente sobre sua prática. De acordo com Silva (2013), os docentes percebem suas metodologias como satisfatórias mediante os resultados das provas, na compreensão do conteúdo pelos estudantes e na classificação da escola no SPAECE.

Percebe-se, dessa forma, que o SPAECE possui forte influência sobre os métodos de ensino e as práticas do professor, o que, muitas vezes, se caracteriza como uma ação controladora de agentes externos da escola sobre o cotidiano dessa. A Educação, nesse contexto, deixa de instigar a curiosidade aprendizagem dos estudantes, em prol da elaboração do conhecimento, e passa a ser uma meta a se cumprir e alcançar.

Ainda quanto à percepção dos docentes sobre suas práticas em sala de aula, Silva (2013) ressalta a fala de um professor: “Através da classificação da escola no resultado do SPAECE. Porque a escola estava no intermediário e a partir do ano 2009 tem classificação no verde escuro, o que significa que as crianças estão alfabetizadas.” [P4] (SILVA, 2013, p. 86)

Percebemos na fala acima que o fato da escola se classificar como verde escuro, o qual significa que ela teve um bom desempenho no SPAECE, as crianças podem ser consideradas como alfabetizadas. Compreendemos, contudo, que apenas uma avaliação não é suficiente para aferir a aprendizagem de uma pessoa, considerando a multiplicidade de formas de que se indaga pode levar a distintas respostas.

Entendemos que o SPAECE, tal como se apresenta atualmente, reforça a Pedagogia do Exame e não da avaliação em seu real sentido, ou seja, avaliação como processo dialógico, reflexivo, no qual se busquem, a partir da interpretação do pensamento dos estudantes expresso nas respostas erradas, novas possibilidades de aprendizagem com vistas a um ensino que promova a constituição de saberes.

No que se refere às avaliações externas, Silva (2013), destaca que há grande preocupação dos docentes em demonstrar bons resultados de desempenhos dos alunos, como revela o seguinte depoimento de um docente:

Professor: “Eles estão estudando geometria porque vai cair na prova do SPAECE e é bom saber”. Um aluno interroga: “como tem certeza que vai cair?”. O professor segue seu discurso: “quero bons resultados no fim do ano, vou puxar a orelha dos que tiverem errado e parabenizar os que acertaram. Gente dados estatísticos é assim se nove for bom puxa o restante, mas se metade não for bom, prejudica quem foi bom.” (Diálogo ocorrido na primeira observação da aula, dia 02 de outubro de 2012) (SILVA, 2013, p. 67).

Percebe-se, portanto, uma preocupação em repassar os conteúdos que serão exigidos na prova, não lhe atribuindo os significados de se estudar tal conteúdo, bem como sua importância. Observa-se, ainda, a ênfase na aprovação-reprovação, classificação, punição e mérito. Concordamos com Esteban (2003, p. 140), ao aludir que

A substituição das notas por conceitos é uma mudança realizada na história do processo de avaliação que nos dar a impressão de ser o melhor caminho para uma navegação serena e segura. Porém, a concepção de neutralidade permanece subjacente e latente a esse processo de mudança, privilegiando o distanciamento da subjetividade nesse fazer, aparentemente, inovador.

A escola, enquanto instituição formadora de sujeitos deve colaborar para o desenvolvimento integral – dimensões física, afetiva, cognitiva, espiritual – das pessoas que nela convivem, com a ampliação do desejo de aprender e do respeito à singularidade, considerando o contexto social.

Concordamos, portanto, com Charlot (2005, p. 38), quando afirma que

[...] o sujeito se constrói pela apropriação de um patrimônio humano e na relação com o outro, e a história do sujeito é também a das formas de atividade e de tipos de objetos suscetíveis de satisfazerem o desejo, de produzirem prazer, de fazerem sentido.

Para alcançar esse intento, é primordial a Educação atente para a multiplicidade de sentimentos, fazeres e pensamentos dos sujeitos, frutos das suas experiências – vivências e reflexões. Aferimos que o Homem, em virtude de estar imerso no mundo, é capaz de, com um olhar cuidadoso e respeitoso para dentro e fora de si, dilatar seus saberes e sabores, interagindo com os seus semelhantes, a natureza e as manifestações culturais.

Corroboramos com Koninck (2007, p. 21): “[...] a tradição autêntica jamais foi de um saber pronto, mais sim a tradição do espanto fundador”. Não existem saberes prontos, pois que eles são produtos da História da Humanidade, cujas admiração e curiosidade das belezas e dos mistérios do mundo a impulsionam a prosseguir.

A admiração é o princípio de todas as grandes manifestações do humano – a arte, a ciência, a ética, a política, a filosofia, a religião. Princípio não apenas no sentido de começo, mas no sentido mais profundo da origem perpétua, de um ponto de partida insuperável. (KONINCK, 2007, p. 21).

É mediante a admiração, a contemplação que o Homem, com um olhar mais profundo e curioso sobre a vida, conhece o belo, resultando em descobertas e saberes. O espanto diante do mundo “[...] permite sentir o quanto é admirável que existam espaço, tempo, luz, ar, mar e flor, leia-se pé, mãos e olhos, e talvez antes de tudo o ‘verdadeiro luxo’ das relações humanas.” (KONINCK, 2007, p. 22).

O mundo onde nos encontramos é extraordinário – extraordinariamente belo – e, além do mais, humano, não deixando de testemunhar, desta forma, os grandes artistas que sem cessar tentem criá-lo novamente para que possamos ao mesmo tempo experimentá-lo e senti-lo melhor. Afinal, “o belo é o que nos torna felizes”. (KONINCK, 2007, p. 23).

Levando em consideração a importância dos saberes adquiridos para a composição humana e o desenvolvimento educacional, bem como a veneração como um momento supremo da vida. Entendemos, portanto, que o processo de avaliação não deve somente buscar notas, punições e promoções do estudante ou questionar habilidades e competências do professor, mas propiciar a humanização de todos os envolvidos no contexto educacional.

Síntese Crítica

Entendemos a Educação como a função primordial na constituição de conhecimentos, experiências e saberes produzidos por gerações e socializados entre seus pares. Educar não é repassar informações, conteúdos, testes, é permitir que o indivíduo se perceba como sujeito transformador da realidade que o rodeia, com um papel ativo na transformação social.

Visamos à avaliação como processo classificatório, que deve prevalecer nas práticas cotidianas como procedimento efetivo em todos os momentos da escolarização. O SPAECE, da forma como se configura nas práticas cotidianas, afasta o acompanhamento, a compreensão e a intervenção nos processos de ensino e aprendizagem e na construção de novos saberes.

A centralização no exame pelos sujeitos envolvidos direciona as ações pedagógicas e a dinâmica do currículo apenas para a obtenção dos resultados, afinal estar no nível verde escuro é conceituar a escola e os sujeitos nela envolvidos como destaques no rendimento ideal, esperado por aqueles que estão na condição de domínio.

Fazem-se necessárias novas reflexões e diálogo sobre a compreensão de avaliação e como esta é realizada e percebida por educadores, gestores e órgãos de governo, para que possam os compreender quais os saberes são construídos e como o indivíduo é percebido nessa relação. Qual é o valor da escola que não contribui para engendrar cidadãos para se relacionar-se com o mundo, o outro e consigo mesmo?

O exame realizado na escola, ao ressaltar o mérito, a promoção e a classificação, fomentamos sujeitos a ideia de normalização, de linearidade e homogeneidade.

Defendemos que se considere o sujeito na sua singularidade, pois cada um de nós passamos por experiências e interpretamos o mundo de acordo com os valores e sentimentos desenvolvidos nas vivências. Fundamental, destarte, que o currículo escolar valorize as relações com o saber, promovendo o desenvolvimento holístico dos seus partícipes: emocional, físico, cognitivo, espiritual, artístico e social.

REFERÊNCIAS

BARGUIL, Paulo Meireles. **Há sempre algo novo!** - algumas considerações filosóficas e psicológicas sobre a avaliação educacional. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização:** questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHUEIRI, Mary Stela. Concepções sobre a Avaliação Escolar. In: **Estudos sobre Avaliação Educacional**. v. 19, n. 39, jan./abr. 2008, p. 49-64.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Escola, currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, 2003. (Série, cultura, memória e currículo, v.5)

KONINCK, Thomas de. **Filosofia da Educação:** ensaio sobre o devir humano. São Paulo: Paulus, 2007.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional:** o prazer de conhecer. 2. ed. rev. e ampl. Fortaleza: Edições EDR, 2001.

PACHECO, José Augusto. **Currículo:** teoria e práxis. Portugal: Porto Editora, LDA, 1996.

SILVA, Angelina do Nascimento. **Perfil Político Pedagógico de uma escola localizada em zona rural em Cascavel – CE:** docentes, discentes e currículo. 2013. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.